Prólogo

Rayne

O Inverno Está a Chegar



O veado não estava morto há muito tempo; o *rigor mortis* ainda não se tinha instalado. O sangue fresco e vermelho-vivo brilhava nos órgãos expostos e coagulava nos ossos estilhaçados.

A criatura não fora devorada. Fora dilacerada.

Prendi novamente o alicate no cinto, agarrei no cabo da faca, observando o campo aberto à minha volta. O vento uivava por entre a erva seca, trazendo consigo um frio cortante. As árvores, distantes, balançavam.

A primeira vaga de frio do inverno chegara mais cedo este ano. As colheitas, ainda por colher, tinham ficado queimadas pela geada durante a noite, e as previsões meteorológicas indicavam que as temperaturas continuariam a descer. Ao longe, nuvens escuras revolviam-se. O oceano estava tão cinzento como o céu, tão gélido como o nevoeiro.

Uma mosca zumbia incessantemente junto ao meu ouvido e, quando me aproximei do cadáver, uma nuvem de moscas elevou-se. Olhos vidrados e encovados fitavam-me. O que teriam visto nos seus últimos momentos? Talvez nem sequer soubessem que a morte se aproximava.

Mas eu sabia. Sempre soube. A morte perseguia-me desde criança.

Afastando as moscas, atravessei o campo em direção à minha moto-quatro. A vedação estava reparada, impedindo as ovelhas da família Frontage de vaguearem e serem apanhadas por coiotes… ou pior.

O estalar de um galho fez-me mover a cabeça, como se puxada por fios de um marionetista. As cores pálidas do entardecer misturavam-se umas com as outras; a relva, as árvores, o nevoeiro e a sombra criavam uma paisagem plana e sinistra.

Teria sido um rosto pálido e sem olhos que eu vi por baixo das árvores? Ou apenas uma ilusão do nevoeiro que dançava no ar?

Pestanejei rapidamente e esfreguei os olhos, mas isso não fez desaparecer o estranho rosto, e dei um passo trémulo para trás.

Devia ser um truque de luz. Os meus olhos estavam cansados.

Apressei o passo e, depois, corri. O vento acalmara, mas eu jurava que conseguia ouvir algo a mover-se na relva atrás de mim, com velocidade e propósito. A adrenalina percorria-me as veias e as moscas continuavam a zumbir incessantemente.

Saltei para cima da moto-quatro e o motor guinchou quando o liguei. O sangue martelava-me nos ouvidos, mas o campo estava vazio. As árvores também. Agarrei o guiador com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos e as palmas das mãos húmidas de suor.

Controla-te, Rayne. Ainda é muito cedo. Não pode estar desperto. Não pode.

Eu sabia que não devia confiar em garantias. Nada era certo e as regras pelas quais sobrevivia podiam mudar de um dia para o outro. A morte podia adaptar-se a qualquer cenário.

— Ei! Olá?

Fiquei imóvel e desliguei o motor. Esperei durante longos instantes. A ouvir.

— Olá? Quem está aí?

Um arrepio percorreu-me a espinha. A voz surgiu *atrás* de mim. Era aguda, como a de uma mulher jovem, mas estranhamente monótona. Sem emoção nem inflexão.

Mal virei a cabeça, procurei a origem. A névoa estava a perturbar-me a visão, fazendo parecer que havia figuras a correr entre as árvores.

— Quem és tu? Olá? Olá?

As mesmas palavras. O mesmo tom. Mas mais alto. Mais rápido.

Mais faminto.

Carreguei no acelerador. A terra saiu das rodas quando acelerei e desci a encosta a toda a velocidade. Não havia aqui nenhum trilho; tinha de me desviar entre as árvores e por cima de rochas. Enquanto isso, aquela voz chamava atrás de mim:

— Olá? Ei!

Mais rápido, sempre mais rápido. O nevoeiro tornou-se mais denso, ao ponto de eu mal conseguir ver para onde ia. A água encharcou-me as calças quando atravessei um riacho pouco profundo, olhando constantemente por cima do ombro. Mas esse foi o meu erro. Desviei o olhar por uma fração de segundo e a roda ficou presa entre duas grandes rochas. O impacto arrancou-me o guiador das mãos, projetando-me do banco enquanto o veículo capotava.

Por pouco consegui rebolar para fora do caminho antes que o veículo aterrasse em cima de mim, ficando tombado de lado contra uma enorme árvore caída. Gemendo, deitei-me de costas e respirei fundo, olhando para os pinheiros que balançavam.

Levanta-te. Tinha de me levantar, *agora*.

O peito doía-me. Sentia os pulmões vazios. Virei-me de lado, forcei-me a erguer e apoiei-me nos braços trémulos enquanto observava o que me rodeava. O nevoeiro agitava-se, criando a ilusão de um movimento constante que me deixava ainda mais tonta.

— Quem és tu?

A voz fez-me arrepiar. O tom era glacial. Vazio. Uma zombaria das palavras humanas.

Não me atrevi a virar-me. Levantei-me rigidamente e comecei a andar. Com calma e determinação…

— Quem és tu?

Houve um farfalhar. *Raspar, arranhar.* Garras a arrastarem-se pela terra, a estalar sobre a casca áspera de uma árvore.

— Ei!

Uma voz diferente. Não menos fria. *Continua a andar. Não olhes, não olhes.*

— Olá!

Já nem era uma palavra. Era um rosnar.

Tropecei para fora das árvores e dei por mim numa estrada de calçada. Num gesto instintivo, arranquei a faca da bainha, virei-me e ergui a lâmina.

No entanto, não havia nada. As árvores vazias oscilavam suavemente, e o nevoeiro dissipava-se junto aos meus pés. Ainda assim, sentia olhos sobre mim…

A senhora Frontage olhava-me do seu quintal, as galinhas a cacarejar aos seus pés.

— Está tudo bem? És tu, menina Balfour?

— Olá, sim, sou eu, estou… estou bem. — Mal consegui disfarçar a careta ao embainhar a faca, levando de seguida a mão ao ombro magoado. Com um estalido seco, encaixei a articulação de novo no lugar, e os olhos da mulher arregalaram-se como berlindes. — Se tiver um ibuprofeno, ficaria muito agradecida.



Salem

Nada de Nomes



Hoje era o dia do meu casamento. Mas esta noite, não estava casada. Tinha pedalado quase cento e sessenta quilómetros desde o meio-dia, atravessando longas extensões de floresta ao longo da costa do Pacífico. As costas e as pernas doíam-me enquanto jantava tranquilamente um prato de peixe e batatas fritas, sentada no bar do outro lado da rua do meu motel, sozinha.

Quando me deitasse mais tarde, não teria o meu querido noivo à minha espera.

Não havia nenhum noivo. Não havia casamento num clube de campo, nem lua de mel em Las Vegas.

Era apenas eu, a minha bicicleta e todas as horas de férias que me restavam para este ano. Apenas eu e a minha tentativa desesperada de retomar o controlo quando tudo à minha volta parecia desmoronar-se. Os meus companheiros eram o empregado do bar, alguns estranhos e a minha ansiedade constante — pousada no meu peito, como um bloco de gelo frio e pesado.

O bar não estava muito movimentado, apesar de ser o único estabelecimento nas redondezas que se assemelhava a um restaurante. Havia

alguns estivadores, debruçados sobre as suas cervejas, mergulhados numa conversa tranquila. O empregado do bar estava há trinta minutos a limpar copos em silêncio, olhando fixamente para o balcão.

Era um espaço liminar. Entre vidas, entre sonhos.

Mas quando ela entrou, foi como se, de repente, tudo voltasse a parecer real.

O boné de basebol escondia-lhe o rosto e o cabelo castanho comprido pingava da chuva. Entrou, trazendo consigo uma rajada de ar frio, e a sua presença fez com que a sala se encolhesse. Quando virou o boné para trás, as luzes de néon atingiram-lhe o rosto e a sua pele morena brilhou como ouro, revelando um corte comprido e fino na face.

Uma ferida recente, vermelho-cereja.

O *barman* acenou-lhe com a cabeça, e ela retribuiu antes de ele se virar para alcançar uma garrafa de uísque da prateleira empoeirada no alto. Os seus olhos verdes-escuros percorreram a sala como os de um falcão, tocando em todos, menos em mim. A ponta afiada do seu queixo prendeu-me o olhar, seguindo os contornos do seu pescoço, passando pelos seus ombros firmes até às curvas suaves do seu peito.

Enquanto bebia um gole, o seu olhar encontrou o meu. Inspirei bruscamente. Mas em vez de ar, foi cerveja, e engasguei-me de imediato. Tossindo freneticamente para a mão, tentei disfarçar o sufoco perante os espetadores preocupados e corri para a casa de banho.

Depois de tossir a cerveja para fora dos pulmões na privacidade da casa de banho, regressei envergonhada, apenas para descobrir que o lugar ao meu lado já não estava vazio. Oh, meu Deus. Era ela. Estava de costas para mim, mas não havia dúvidas — os ombros fortes, a forma como se inclinava para o balcão, como se fosse dona dele.

Deslizei para o banco ao seu lado, agarrei a minha cerveja com as duas mãos e dei um trago trémulo. Ela dominava a minha visão periférica. A sua cabeça movia-se ligeiramente, balançando ao ritmo da música que emanava dos seus auriculares.

Ao ouvir com mais atenção, reconheci a canção: *Talk to Me* de Stevie Nicks. Talvez fosse apenas o efeito da cerveja, mas senti uma onda de excitação ao ouvir uma das minhas artistas favoritas e os meus lábios começaram a mover-se silenciosamente ao som da letra.

Pelo menos, pensei que estava em silêncio. Mas enquanto murmurava, senti um movimento ao meu lado e uma voz grave disse subitamente:

— Queres partilhar?

A mulher retirara um dos auriculares e estendia-o, oferecendo-mo. Mas eu não conseguia concentrar-me no auricular, não quando ela me fitava diretamente com aqueles olhos verdes cor de floresta, calorosos e com uma expressão divertida à minha custa.

— Eu… hum… sim…

Mal consegui articular uma palavra, mas ela percebeu. Expirou bruscamente, como se tivesse dado uma gargalhada. A eletricidade percorreu-me o corpo quando ela colocou o auricular junto ao meu ouvido, enchendo a minha cabeça com a voz etérea da Stevie. O toque foi fugaz, mas ficou-me gravado nos nervos, impresso na face.

— Tenho andado a dizer a estes tipos para arranjarem o sistema de som — disse ela, apontando para o *barman*. — Não suporto o silêncio, por isso venho sempre preparada.

Inclinou-se para mim, pousando lentamente o braço no balcão. Cheirava a trevo, a carne queimada e a maresia.

— Desculpa, devia ter-me apresentado. Chamo-me… — comecei por dizer apressadamente.

— Espera. — Ela estendeu a mão e encostou o dedo aos meus lábios. O toque fez faíscas e, num instante, fiquei apanhada. — Nada de nomes. Vamos manter as coisas interessantes.

Ela sorriu e o meu estômago agitou-se. Mas não era um sorriso gentil, nem uma oferta de amizade.

Era um convite.

— Não és daqui, pois não? — perguntei. O resto da sala parecia distante. As luzes de néon dançavam-lhe nos olhos e fui subitamente transportada para a sensação de estar numa feira de verão: a antecipação agitada, o calor e o desejo.

— Não — disse ela. — Tu também não.

— Sou de São Francisco. Tenho andado de bicicleta nos últimos dias, por isso estou com este aspeto.

Ri-me nervosamente, certa de que o meu cabelo curto tinha um caso grave de «efeito capacete» e de que a minha cara estava queimada pelo sol.

No entanto, ela não estava a olhar para o meu cabelo desalinhado nem para a minha pele avermelhada. Não desviara os olhos dos meus nem por um segundo.

— Porra, isso é que é dedicação. — Coçou o corte na face, mas pareceu perceber o que estava a fazer e baixou a mão de imediato. — Deves ganhar bom dinheiro para poderes viver lá.

— Bem, em vez de seguir a tecnologia como toda a gente, decidi perseguir um sonho e acabei por trabalhar como animadora num pequeno estúdio de videojogos, por isso…

Ela acenou com a cabeça, como quem compreende perfeitamente.

— Entendi, então és uma artista esfomeada de São Francisco, gostas de Stevie Nicks e és linda. Foste mesmo abençoada com o pacote completo da *Manic Pixie Dream Girl*, não foi?

Há muito tempo que alguém não me fazia rir com tanta facilidade.

— O pacote completo e muita bagagem — gracejei. A música mudou e, enquanto dançávamos ao som da batida, cantávamos em simultâneo a letra da música.

Ela perguntou qual era a minha bebida preferida, depois pediu o meu gin tónico e uma cerveja para ela. Bateu com o copo dela no meu num brinde e disse:

— A novas amizades.

— A novas amizades. — Tomei um longo gole, na esperança de acalmar as borboletas que se agitavam no meu estômago. — Só estou aqui esta noite.

— Eu também. — Pegou na minha mão e roçou o polegar suavemente na minha palma. — Então, vamos torná-la inesquecível.



— Agora és minha, menina bonita. Nunca te vais esquecer disto, pois não?

Ajoelhada entre as minhas pernas, parecia estar a rezar. Os joelhos no chão de ladrilhos imundo, os olhos fechados, a pele tingida de vermelho

pelo brilho do néon do letreiro da Cervejaria Rainier pendurado na parede grafitada.

Uma pecadora em súplica, uma sacerdotisa em adoração, a sua língua a inscrever litanias na minha pele.

Estava de joelhos, mas era eu que me sentia pequena. Encolhida nas suas mãos, as pernas a tremer enquanto ela controlava a minha respiração com a sua boca.

Estar sentada no bar parecia ter sido há uma vida, agora que estávamos comprimidas dentro da única cabine na casa de banho. Tínhamos dançado juntas, com um auricular em cada ouvido, cantando as letras em voz baixa para microfones imaginários. As pessoas olhavam, mas eu não me importava. Por uma vez na vida, finalmente…

Os olhos dela abriram-se, puxando-me para as suas profundezas. A minha mão escorregou quando tentei apoiar-me no lavatório, mas ela segurou-me. Estava a afogar-me e não me importava.

Era isso que eu queria, certo?

Foi por isso que percorri a costa de bicicleta, cada quilómetro a aproximar-me da solidão que desejava. Solidão ou aniquilação. Não sentir nada ou sentir demasiado era o eterno dilema com que me debatia. Preocupava-me demasiado em ser despreocupada.

Eu nem sequer sabia o nome dela. Seria isso despreocupação suficiente? Seria distância suficiente para me proteger de mais uma desilusão?

A sua língua achatou-se e deslizou, e o meu monólogo interior tornou-se apenas um som estático. Um alerta de emergência que me fez revirar os olhos. Os seus dedos cravaram-se nas minhas coxas e, com aquela voz profunda e rouca, ela sussurrou:

— Olha para mim. Deixa-me ver esses lindos olhos.

Ela era bonita de uma forma quase assustadora. Magra e musculada, com mãos ásperas que me faziam estremecer enquanto me abriam as coxas. Agarrou a minha perna, pendurando-a no seu ombro, e tive de enredar os dedos no seu longo cabelo para me equilibrar.

— Por favor… Oh, meu Deus, não pares!

Os meus dedos entrelaçaram-se no seu cabelo e ela gemeu, agarrando-me as ancas enquanto murmurava:

— Puxa com mais força. Mostra-me o quanto gostas.

Por alguns momentos, não pensei nos quilómetros atrás de mim ou nos que me esperavam pela frente. Não pensei no meu ex-noivo ou na marca que o seu anel deixara no meu dedo. Não ouvi o eco interminável dele a dizer: «É tudo demasiado. Sinto muito.»

Naquele momento, eu pertencia-lhe por inteiro. Os músculos tensos, os nervos a vibrar, toda a pele arrepiada. Ela possuía-me com a língua, os lábios, os dedos.

Eu queria chamar o seu nome, se ao menos o soubesse.



No parque de estacionamento em frente ao bar, partilhámos um charro. A noite estava desolada e fria, o ar pegajoso com o sal do oceano. Não conseguíamos ver as ondas para lá dos altos pinheiros, mas podíamos ouvi-las.

— Vens aqui muitas vezes? — perguntei, tentando parecer descontraída e desinteressada, mas a minha voz soava demasiado esperançosa. Demasiado empenhada.

Ela deu uma passa longa e lenta. Tinha quase a minha idade, uns vinte e poucos anos, mas havia uma seriedade no seu rosto que a fazia parecer mais velha. Um vazio nas maçãs do rosto que parecia cansado e sombrio.

Era um livro fechado, mas eu não conseguia deixar de olhar para a capa, atormentada pelas palavras ilegíveis que lá estavam.

— Não me voltarás a ver — disse ela, piscando-me o olho enquanto expirava o fumo. Como se fosse uma garantia, não um arrependimento.

Só quando nos despedimos e ela se foi embora, é que me dei conta de que nunca respondeu a uma única pergunta que lhe fiz. Era uma estranha sem nome, vinda de parte nenhuma e sem destino. De manhã, ela pareceria um sonho.

Era a primeira pessoa com quem eu estava desde o Colin, o que significava…

Nada. Não significava nada.

Às duas da manhã, de pé à porta do quarto de motel, a minha mente estava demasiado agitada para dormir. Levei a mão ao anelar e fiquei alarmada ao sentir a marca da joia que desaparecera. Já tinha passado

um mês desde que o Colin cancelara o nosso casamento. Vinte e oito dias desde que arrumara as suas coisas e partira. Vinte e cinco dias desde que me dissera que «não estava pronto». Vinte e dois dias desde que descobrira que havia outra pessoa.

A fungar com o frio, passei a mão pelo nariz antes de inspirar mais uma golfada de fumo do meu *vape*. A ideia de ir para dentro e deitar-me numa cama vazia, a olhar para o teto até adormecer, fez-me apertar o peito. Mas o mesmo acontecia com a ideia de ficar aqui fora até que o amanhecer rasgasse as nuvens e o sol nascesse num novo dia, enquanto ainda me agarrava ao anterior.

As folhas secas agitavam-se nas árvores. A estrada estava deserta, atravessada apenas pelo nevoeiro. O letreiro luminoso e intermitente de «VAGAS», pendurado na janela do escritório da frente, tingia o ar húmido de azul.

Um grito agudo rasgou a noite, mas era apenas o miado de um lince. Era de gelar o sangue, sim, mas depois de uma vida inteira de acampamentos, já o conhecia bem. Ainda assim, a minha paranoia exacerbada pela erva, fazia-me sentir vulnerável e vigiada. Um predador espreitava algures por entre as árvores e eu nem sequer o conseguia ver.

Mas ele provavelmente conseguia ver-me.

— Acalma-te, Salem — sussurrei, na esperança de que o som da minha própria voz me fizesse sentir menos sozinha ali fora. Assombrações à parte, tinha de ir para a cama.

Tinha um *ferry* para apanhar de manhã.